

DA LIBERDADE À FOGUEIRA: TRAJETÓRIA FEMININA EM DIAS GOMES

Luiz Carlos Santos Prado

Universidade Federal de Sergipe (UFS).
<http://lattes.cnpq.br/4903921074888232>
<https://orcid.org/0009-0005-9119-2515>
E-mail: pradoteatro@hotmail.com

Diógenes Avelino Freire Filho

Amne Saúde.
<http://lattes.cnpq.br/2087133292704417>
<https://orcid.org/0009-0001-7514-8144>
E-mail: drdiogenesfreire@hotmail.com

Geórgia Gabriela Argôlo Schitini

Profissional autônoma.
<http://lattes.cnpq.br/9570441744124183>
<https://orcid.org/0009-0003-2215>
E-mail: georgiaschitini@yahoo.com.br

Valéria Aparecida Bari

Universidade Federal de Sergipe (UFS).
<http://lattes.cnpq.br/0106962520738975>
<https://orcid.org/0000-0003-2871-5780>
E-mail: valbari@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N3-39>

RESUMO: A pesquisa aborda a trajetória literária feminina na dramaturgia de Dias Gomes, tomando como objeto de análise a peça **O Santo Inquérito** e a personagem Branca Dias. O estudo investiga a representação do feminino, o espaço de fala e o protagonismo da mulher, articulando literatura, cultura, história e imaginário social. O objetivo principal é analisar as relações sociais das mulheres na sociedade brasileira a partir da representação de Branca Dias, considerando seu deslocamento histórico e sua capacidade de suscitar reflexões sobre o corpo feminino, a voz e o protagonismo social. Busca-se também discutir a obra de Dias Gomes e compreender como a dramaturgia recria, por meio de um acontecimento histórico, a condição feminina e as violências decorrentes do patriarcalismo. Trata-se de uma pesquisa básica, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica narrativa, com coleta e análise qualiquantitativa de fontes. A interpretação fundamenta-se nos conceitos de representação e apropriação, de Roger Chartier, na concepção de símbolos de Peter Burke e na teoria da projeção psicológica de Carl Jung, além de dialogar com estudos sobre gênero, religião, colonialismo e relações de poder. A Inquisição aparece como mecanismo de coerção e controle, enquanto a trajetória de Branca simboliza a condição dos oprimidos e a violência exercida pelas instituições de poder. A peça também estabelece uma relação alegórica com o autoritarismo e a censura da ditadura militar brasileira. *O Santo Inquérito* revela-se uma obra atemporal ao articular história, cultura e imaginário para questionar autoritarismo, intolerância e violência. Branca Dias configura-se como representação do espírito livre feminino e da resistência às normas impostas. A análise evidencia que a trajetória

feminina na obra de Dias Gomes permanece atravessada por formas de violência e patriarcalismo ainda presentes na sociedade brasileira, reafirmando a literatura como espaço de reflexão crítica e transformação social.

PALAVRAS- CHAVE: Trajetória Literária Feminina. Representação de Gênero. Dramaturgia Brasileira.

FROM FREEDOM TO THE STAKE: THE FEMALE TRAJECTORY IN DIAS GOMES

ABSTRACT: This research addresses the trajectory of women's literary expression in the dramaturgy of Dias Gomes, taking as its object of analysis the play **O Santo Inquirito** and the character Branca Dias. The study investigates the representation of the feminine, the space for women's speech, and their protagonism, articulating literature, culture, history, and social imaginary. The main objective is to analyze the social relations of women in Brazilian society based on the representation of Branca Dias, considering her historical displacement and her capacity to provoke reflections on the female body, voice, and social protagonism. It also seeks to discuss the work of Dias Gomes and understand how dramaturgy recreates, through a historical event, the female condition and the violence stemming from patriarchalism. This is basic research, developed through a narrative bibliographic review, with qualitative and quantitative data collection and analysis. The interpretation is based on Roger Chartier's concepts of representation and appropriation, Peter Burke's conception of symbols, and Carl Jung's theory of psychological projection, in addition to engaging with studies on gender, religion, colonialism, and power relations. The Inquisition appears as a mechanism of coercion and control, while Branca's trajectory symbolizes the condition of the oppressed and the violence exercised by institutions of power. The play also establishes an allegorical relationship with the authoritarianism and censorship of the Brazilian military dictatorship. The Holy Inquisition reveals itself as a timeless work by articulating history, culture, and the imaginary to question authoritarianism, intolerance, and violence. Branca Dias is configured as a representation of the free feminine spirit and resistance to imposed norms. The analysis shows that the female trajectory in Dias Gomes' work remains traversed by forms of violence and patriarchalism still present in Brazilian society, reaffirming literature as a space for critical reflection and social transformation.

KEYWORDS: Female Literary Trajectory. Gender Representation. Brazilian Dramaturgy.

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa é a trajetória literária feminina na dramaturgia de Dias Gomes. A motivação da composição desta comunicação científica é busca identificar as recorrências das sombras em “O Santo Inquirito”, relacionando-as tanto a símbolos, que se perpetuam, a cada geração, presentificando-se no inconsciente coletivo, quanto ao fenômeno da projeção psicológica, um princípio presente no cotidiano dos homens, sujeitos, em suas concepções acerca de outros, a falhas frequentes de julgamentos ao

transferirem características interiores em ocasiões e objetos exteriores. O presente estudo verifica que dramaturgia também se constitui como campo de discussão sobre gênero e protagonismo feminino na sociedade.

Como toda pesquisa básica, esta comunicação científica visa aumentar o conhecimento teórico sobre um tema sem aplicação prática imediata, para analisar, sintetizar e, propor uma interpretação própria ao conjunto de informações prospectadas. Sendo assim, o objetivo principal deste artigo é verificar as relações sociais das mulheres na sociedade brasileira, verificando que a representação de Branca Dias, deslocada de seu tempo e espaço histórico, nos faz refletir sobre o espaço de fala e a projeção social do ser feminino, do corpo feminino e do protagonismo feminino. Os objetivos secundários são o de discutir a obra de Dias Gomes, por meio amostral de uma de suas peças mais destacadas à época de sua publicação.

A hipótese, tomada como premissa desta pesquisa, é de que a trajetória feminina na ficção produzida por Dias Gomes, em especial colocada na peça “O Santo Inquérito” recria o espaço de fala feminino na sociedade brasileira, que é atravessado e demarcado por violências, fruto do patriarcalismo imposto pelo colonialismo europeu e perpetuado na sociedade brasileira. A questão de pesquisa que norteou a pesquisa geradora deste artigo foi: **Como a obra da dramaturgia brasileira “O Santo Inquérito” discute e representa a condição feminina da mulher brasileira, seu espaço de fala e protagonismo, por meio da recriação de um fato histórico?** A metodologia utilizada para este trabalho é de caráter básico, constituindo uma revisão bibliográfica narrativa. O procedimento narrativo constitui-se em uma coleta qualiquantitativa, para estabelecer um resultado complexo e crítico (Rother, 2007).

O texto literário é a transfiguração, o desdobramento do particular para o universal. Afinal é função de a arte denotar o homem para si mesmo em toda a sua dimensão e amplitude. Diante dessa afirmação, pode-se inferir que a arte ultrapassa o tempo e o espaço e é uma porta aberta para vislumbrar de um sujeito mais pleno e feliz (Cavalcanti, 2003, p. 33-35). Ademais, essa fonte de contemplação, serve como mecanismo, estratégia de denúncia das injustiças sociais. Aqui, destaque-se que o poeta tem na metáfora o espaço de recriação do mundo. Os literatos que seguem essa linha apresentam um posicionamento crítico “desalienador” no que concerne às instancias

sociopolítico-religiosas. Dentre esses, destaca-se o escritor Alfredo de Freitas Dias Gomes, baiano de Salvador, nascido a 19 de outubro de 1922, sendo um dos grandes destaques do teatro, cinema e dramaturgia brasileiros.

A dramaturgia de Dias Gomes, por um longo período, esteve associada à conotação política, em um momento em que havia a necessidade não somente de instrumentalizar os artistas, mas também de instigar a classe trabalhadora a denunciar a exploração e o abuso de poder, pretensão semelhante ao do teatrólogo Bertolt Brecht. Nesse sentido, era fundamental estabelecer uma ponte entre a arte e o povo, a fim de criar uma sintonia entre esses dois além de transformar o tablado em um espaço de questionamentos (Silveira, 2020, p. 2).

Considerando o impacto social da obra de Dias Gomes, aqui, seguindo a linha de pensamento chartieriano, buscaremos analisar dois de seus conceitos, a saber: representação e apropriação na obra “O Santo Inquérito”. A representação deve ser entendida como o trazer para o presente o ausente vivido e, dessa forma, poder interpretá-lo. Já apropriação, é a construção de história das interpretações, remetidas ao social, ao institucional e principalmente ao cultural (Chartier, 2002, p. 26).

Ainda na linha da história cultural, Burke afirma que o terreno da pesquisa em cultura deve se preocupar com as imagens e o sentido. Para ele, tanto de forma consciente quanto inconsciente estão os símbolos presentes, seja no cotidiano ou na arte (Burke, 2005, p. 10). No cotidiano medieval, o Tribunal da chamada Santa Inquisição apropriou-se de símbolos bíblicos interpretados de forma singular, propiciando à Instituição católica armas contra os membros heterodoxos nas comunidades. Fruto do medo do clero e ferramenta coercitiva da sociedade europeia medieval, a Inquisição, marcou a história e o imaginário humano. Em nome de uma “fé verdadeira”, religiosos definiram as heresias. Nesse conjunto estavam englobados os filósofos hermenêuticos, os judeus, os reformadores protestantes e as bruxas.

Contudo, entendendo o homem, também, como uma construção simbólica, usaremos a teoria de Carl Jung no que concerne ao fenômeno da projeção psicológica. Este estudioso apropria-se do termo projeção, criado por Sigmund Freud. Na sua visão, a projeção seria um princípio presente no dia a dia dos homens. Estes estão sujeitos em suas concepções acerca de outros a falhas frequentes de julgamentos ao transferirem características interiores em ocasiões e objetos exteriores (Zweig; Abrams, 1991, p. 194).

No Brasil, temos na obra de Laura de Mello e Souza (1986), “O diabo na Terra de Santa Cruz”, um dos maiores referenciais historiográficos quanto à feitiçaria e as práticas mágicas nos séculos XVII e XVIII na Colônia brasileira. Esse novo espaço além de colonos foi povoado por credices, heterodoxias, medicina alternativa. Souza compreende que a construção do poder colonizador também se estruturava na imposição da “Língua do Rei”, assim como na estruturação das crenças, mas principalmente na validação do regime imperial e colonialista por meio da legitimação do sagrado, como promovida pelo catolicismo.

A RECORRÊNCIA EM DIAS GOMES: UMA LITERATURA EM PROL DOS OPRIMIDOS

Em “Ensinando a Transgredir”, Bell Hooks (2013) assevera acerca da necessidade de revolucionarmos e transformarmos a sociedade por meio da transgressão das delimitações raciais, sexuais, de gênero, dentre outras. Esses limites, que compõe os registros escritos do conhecimento e legitimam estruturas de poder, podem ser igualmente discutidos.

A temática trabalhada por Dias Gomes traz com frequência uma visão de oposição aos preceitos religiosos tradicionais, os quais, muitas vezes, servem de estratégia para o exercício da dominação, e o cumprimento dos interesses dos detentores do poder. Nos textos de dramaturgo, há uma clara revelação da realidade humana cujas personagens simbolizam categorias representadas por opressores e oprimidos.

Aqueles sempre tentam angariar vantagens e impor autoridade nestes que, muitas vezes, necessitam de uma certa permissão social ou econômica e até religiosas daqueles. Sendo assim, os oprimidos precisam seguir normas e regras impostas para não sofrerem consequências. Diante deste fato personagens puros como Zé do Burro de “O Pagador de Promessas” serão vítimas de seus algozes personificados pelo Estado e por instituições religiosas, em especial a católica, tendo na figura de um padre, por exemplo, uma metonímia do opressor. Eis um dos maiores deles: o padre Bernardo de “O Santo Inquérito”.

O texto de Dias Gomes encontra seu brilhantismo nas relações que consegue estabelecer. Não podemos deixar de lembrar que “O Santo Inquerito”, baseada na lenda nordestina de Branca Dias, localizada em 1750, no atual estado da Paraíba, embora referencie imagens da Inquisição no Brasil, ganha fôlego, também, pela sua referência velada, aos primeiros momentos da ditadura brasileira. O que prova o caráter atemporal da literatura. Tal caráter eterniza o texto literário.

Ao explicitarmos tal lenda, estamos considerando as novas abordagens acerca do tema. Faz-se necessário, aqui, explicitar a concepção moderna difundida acerca da “veracidade do mito”. Mesmo como representação, ele tem um caráter sagrado e significativo para as sociedades, assim, como na Antiguidade Clássica.

No palco escolhido por Dias Gomes, encontramos Branca Dias enfrentando seus inquiridores. Versava sobre ela a acusação de “preferida do demônio”. Seu algoz, o padre Bernardo, por ter sido salvo pela protagonista, começa a tentar salvá-la dos seus supostos pecados. Branca Dias tem uma visão panteísta, caracterizada por uma extrema aproximação ou identificação total entre Deus e o Universo, concebidos como realidades diretamente conexas ou como uma única realidade integrada. Em antagonismo, isso, ao tradicional postulado teológico, segundo o qual a divindade transcende absolutamente a realidade material e a condição humana - acredita que Deus pode estar nas formigas, nas árvores, nas águas e no corpo do namorado Augusto:

[...] O mais importante é que sinto a presença de Deus em todas as coisas que me dão prazer. No vento que fustiga os cabelos quando ando a cavalo. Na água do rio que me acaricia o corpo quando vou me banhar. No corpo de Augusto, quando roça no meu, como sem querer. “Ou num bom prato de carne-seca, bem apimentado, com muita farofa, desses que fazem a gente chorar de gosto” (Gomes, 2003, p. 33).

Essas colocações de Branca soam como heresia aos ouvidos do padre Bernardo. Além disso, pesa sobre ela o antissemitismo. A conversa inicial entre a protagonista e o padre não é marcada somente agradecimento deste a àquela, mas também por um sentimento de suspeição por parte do clérigo, assustado diante dos valores apropriados por esta mulher:

Branca: Não tenho confessor. Vivo aqui, no Engenho Velho, que é de meu pai, Simão Dias, que o senhor deve conhecer de nome. Custo ir à cidade.

Padre: Não vai à missa, aos domingos, ao menos?

Branca: Nem todos os domingos. Mas não pense que porque não vou diariamente à igreja não estou com Deus todos os dias.

Padre: Gostaria de discutir com você esses assuntos. Não hoje, porque estamos ambos molhados, precisamos trocar de roupa.

Branca: Vamos lá em casa, o senhor tira a batina e eu ponho para secar. Posso lhe arranjar uma roupa do meu pai, enquanto o senhor espera.

Padre: Não... isso não é direito (Gomes, 2003, p. 56).

Para se pensar a ação do líder carismático, é preciso, antes de tudo, perceber que sua mensagem reveladora contém as respostas para as questões existenciais, além de, em muitos casos, funcionar como reguladora das formas de conduta. Assim, sua ação se desenrola em um determinado espaço simbólico. Aqui recorreremos ao conceito de campo religioso, discutido por Bourdieu (2009). Esse sociólogo nos mostra que tal campo é a materialização do monopólio dos bens salvacionistas, por um indivíduo, ou grupo especializado, reconhecido, pela comunidade, como o depositário deste capital de salvação, secreto e raro. Em contrapartida, aqueles que se encontram fora dessa “área simbólica”, e não possuem esse conhecimento ou capital, e por que razão, vivem a ignorância, assumem o papel de leigos, ou seja, de excluídos do campo simbólico religioso (Bourdieu, 2009, p. 39).

Aqui estamos, senhores, para dar início ao processo. Os que invocam os direitos do homem acabam por negar os direitos da fé e os direitos de Deus, esquecendo-se de que aqueles que trazem em si a verdade tem o dever sagrado de estendê-la a todos, eliminando os que querem subvertê-la, pois quem tem o direito de mandar tem também o direito de punir (Gomes, 2003, p. 29).

Assim, o padre Bernardo, figura representativa dos valores da Igreja Católica, projeta em Branca Dias “o pecado”. Já ela representa a dignidade, a resistência, características não corroídas pelo autoritarismo daqueles que pensam ser os “enviados de Deus na Terra” em um período de conturbada vida religiosa, cujas pessoas não podiam exprimir seus desejos e anseios, já que estes eram reprimidos pelos ditames do clero. Casos contrários sofreriam o castigo. Tais castigos eram práticas comuns durante a vigência da Inquisição, instituída na Idade Média e reativada no século XVI pelo Concílio de Trento e que perdurara por mais dois séculos.

Fatos como estes chamaram a atenção do autor aqui estudado para produção de seu texto. Tais fatos fazem recorrências constantes a símbolos representativos de

diferentes categorias sociais. O dramaturgo retoma questões que denunciam a intolerância, a mais-valia e a injustiça de uma Igreja que ele considera desumana e alienada a padrões ultrapassados e desmedidos. Para tanto, coloca Branca Dias como um elemento vitimado pela conduta “deformada” do padre Bernardo, como fica perceptível nessa passagem quando este se dirige a ré:

[...] o Diabo está a todo momento a nos rondar os passos, assim se insinua e se infiltra. E são principalmente os ingênuos como você que ele escolhe para seus agentes. É um erro imaginar que Satanás prefere os maus, os corruptos, os ateus. Engano. Satanás escolhe os bons, os inocentes, os puros, porque são eles muitos úteis e insuspeitos na propagação de suas ideias. Repare que as grandes heresias surgem sempre de pessoas que pretendem salvar a humanidade. Por isso, quando encontro alguém que se julga tão próximo de Deus que pode até senti-Lo em sua própria carne, no ar que respira, ou na água que bebe, temo por essa criatura. Porque ela deve estar na mira do Diabo (Gomes: 2003; p. 47).

Ironicamente, o padre que profere este discurso é o mesmo que, por meio de denúncia e acusação, leva Branca à Inquisição, à fogueira. Esta situação traz à tona a derrocada da personagem principal. Certamente, Dias Gomes usa esta personagem para difundir às atrocidades cometidas “por monstros iluminados” para com os oprimidos, dos quais este dramaturgo revela-se defensor afim de mostrar que a literatura não se resume a mero trabalho artístico. A arte, portanto, seria um veículo de transformação social.

Ademais, o clérigo é colocado intrinsecamente na obra como um ser marcado pela confusão de sentimentos, uma vez que nas entrelinhas do texto elucidam-se os reflexos de sua alma. Ele projeta em Branca Dias, ou seja, num objeto externo, suas sombras relegadas aos porões da alma. Daí decorre desejo e punição. E por falar em punição, adentremos nesse espaço pintado pelo dramaturgo como sombrio, repleto de seres sobrenaturais, com destaque para o Demônio. Assim, o autor nos desvenda os momentos críticos do processo de Branca Dias. Nas visitas feitas pelo padre, Branca revela traços de sua ancestralidade judia. Outro aspecto prejudicial ao seu julgamento é sua manipulação de aromas, bem como os rituais praticados:

Visitador: (...) Sim, a cor indica que a água levou algo preparado....
Notário: Algum pó mirífico para invocação do Diabo. Diante dessas acusações, o pai de Branca Dias defende-a perante seus acusadores:
Simão: Vossas Excelências me perdoem, mas o único pó que há aí é o pó das estradas, de vinte léguas no lombo de um burro (Gomes, 2003, p. 60).

Entretanto, quanto mais se recorre a justificativas, caem sobre pai e filha, mais acusações. Incriminados, por heresia e “imoralidade”, são presos. Posteriormente, já na prisão, o pai (Simão), utilizando-se de estratégias aceitas pelo Santo Tribunal, confessasse “pecador” e livra-se da pena máxima. Branca, por sua vez, fiel a sua interpretação do mundo e não se entendendo pecadora, reafirma sua posição até seu trágico final: “**Padre:** Você, Branca, vai amargar a sua vitória. **Branca:** Eu sei. E sei também que não sou a primeira. E nem serei a última” (Gomes, 2003, p. 141).

Após essa última fala de Branca Dias, os guardas entram e surgem os reflexos avermelhados da fogueira. O padre frente a isso Vê-se angustiado e se contorce entre as chamas. Contorce-se como se sentisse na própria carne. Isso prova a projeção de sua própria maldade projetada no outro, ou seja, num bode expiatório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar o texto literário é buscar, nas entrelinhas, o não-dito, o inconcluso, o atemporal. Esse caráter plural permite-nos vasculhar os recônditos da alma humana e suas representações. Cabe a quem estuda a arte literária, portanto, delimitar seu foco analítico. Neste caso, voltamos o olhar para as possíveis relações existentes entre cultura, história e imaginário no Brasil colonial.

A peça “O Santo Inquérito” de Dias Gomes, publicada em 1966, dois anos após o início da ditadura militar no Brasil, a peça "O Santo Inquérito", usa a perseguição à jovem Branca Dias pelo Tribunal do Santo Ofício na Paraíba colonial (1750) como uma forte alegoria para criticar o autoritarismo, a censura, a tortura e os abusos de poder do regime militar brasileiro.

Branca Dias, essa personagem “lendário-histórica”, serve-nos como objeto de estudo acerca das imagens perpetuadas pela Inquisição europeia e pelas Visitações Inquisitoriais no Brasil. Branca permeia as representações do espírito livre da mulher, considerada transgressora frente às instituições de poder vigentes à época. Por transgredir, a personagem serviu como elemento de sacrifício para que outros preservassem a autoimagem de perfeição, no caso, o padre Bernardo. Este último, ao apropriar-se de valores pilares da concepção católico-religiosa, se deixa conduzir por estes, e com tal

ação, determina o destino alheio por reapresentar a ética moralizante e intimidadora do medievo.

Aqui se destaque a figura da Inquisição, termo derivado de ato judicial de "inquirir", que significa perguntar, averiguar, pois não havia ainda tribunais na sua época e muitos eram condenados pela mão do povo ou por simples vontade Real. É através do processo inquisitório que a Igreja julga, prende e queima Branca Dias, entendida como bruxa, já que esta não se enquadra nos ditames pré-estabelecidos pela sociedade da época.

Ainda hoje, quando a referida publicação completa 60 anos de sua publicação, percebemos que a trajetória feminina em Dias Gomes é atravessada, demarcada por violências, fruto do patriarcalismo, que não estão completamente discutidas e esgotadas na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- BAUER, Martin W. & GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **O Sentido Prático**. Petrópolis: Vozes, 2009. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/3240>. Acesso em: 2 jun. 2026.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil**. Rio de Janeiro: Editora Paulus. 2003.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre/RS: Editora da Universidade - UFRGS, 2002.
- GOMES, Dias. **O Santo Inquérito**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- JUNG, Carl Gustav. O Problema do mal no nosso tempo. ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah (org.). **Ao Encontro da Sombra**. São Paulo: Editora Cultrix, 1991.
- KRAMER Heinrich; SPRENGER, James. **O Martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.
- ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática da literatura X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, p. v-vi, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?lang=en>. Acesso em: 22 jul. 2026.
- SILVEIRA, Ediluce Batista Silveira. Temáticas da Inquisição no teatro de Dias Gomes: Um olhar sobre a peça "O Santo Inquérito". **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 36, n. 2, p.

1–19, 2020. DOI: 10.14393/LL63-v36n2-2020-1. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/51834>. Acesso em: 22 jul. 2026.

SOUZA, Laura de Mello. **O Diabo na Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

ZWEIG, Connie (org.); ABRAMS, Jeremiah (org.). **Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana**. Rio de Janeiro: Cultrix, 1991.

Submissão: maio de 2026. Aceite: junho de 2026. Publicação: agosto de 2026.